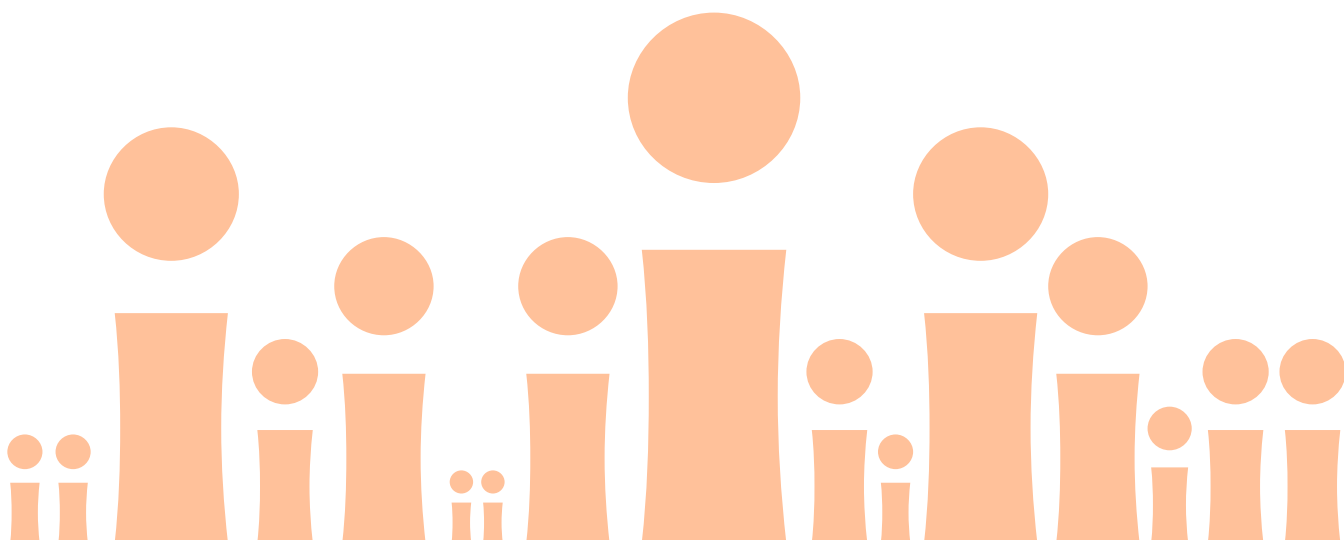


5

Conhecimento e Atitudes de
Idosos
Brasileiros com Relação
às Práticas Sexuais

[Artigo 5, páginas de 84 a 97]





Luciana Carmo Rocha

*Graduada em medicina pela Universidade de Cuiabá (Unic), psiquiatra no Instituto Américo Bairral, participante da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e pós-graduada em terapia sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal).
lucianac_rocha@hotmail.com*

Meireluci Costa Ribeiro

*Mestra e doutora em ciências da saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), especialista em intervenção e práticas sistêmicas em casal e família (Unifesp) e em sexualidade humana (FMU/SP). Graduada em serviço social e graduanda em psicologia pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Professora do curso de Pós-Graduação em Educação e Terapia Sexual do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal) e participa da International Society for Sexual Medicine (ISSM).
ribeiro.meire20@gmail.com*



RESUMO

Nos últimos anos, a população idosa brasileira vem crescendo rapidamente e apresentando melhor qualidade de vida com o prolongamento da vida sexual. Com a longevidade sexual associada à prática sexual sem proteção, o índice de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) tem aumentado nessa população. O objetivo deste estudo é avaliar o comportamento sexual do idoso no Brasil e sua associação com o aumento da incidência das IST, bem como acessar possíveis intervenções educacionais que vêm sendo utilizadas com essa população. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com textos publicados no período de 2009 a 2019 nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), bem como em publicações institucionais do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados mostram que a maioria dos idosos brasileiros com vida sexual ativa pratica sexo sem proteção, o que contribui para o aumento do número de casos de IST. Nossos achados mostram, ainda, que as intervenções educacionais com essa população podem promover aumento no conhecimento sobre IST/Aids, bem como incentivar práticas promotoras de saúde sexual.

Palavras-chave: comportamento sexual; doença sexualmente transmissível; coito; sexo sem proteção; envelhecimento; idosos.

ABSTRACT

In recent years, the elderly Brazilian population has been growing rapidly and presenting a better quality of life, in addition to prolonging sexual life. With sexual longevity associated with unprotected sex, the prevalence of Sexually Transmitted Infections (STIs) has increased among this population. The objective of this study is to evaluate the sexual behavior of the elderly in Brazil and its association with the increased incidence of STIs, as well as to access educational interventions that have been conducted with this population. An integrative review of the literature was carried out, with manuscript published in the last ten years, in the SciELO, LILACS and Pubmed databases, as well as institutional publications by the Ministry of Health, the State Department of Health and the Brazilian Institute of Geography and Statistics. The results show that the majority of elderly Brazilians with an active sexual life practice unprotected sex, which contributes to the increase in the number of cases of Sexually Transmitted Infections. The findings also show that educational interventions with this population can promote a significant increase in knowledge about STIs, as well as the practice of safe sex.

Keywords: *asexual behavior; sexually transmitted infections; coitus; aging; elderly.*

INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, a relação entre a porcentagem de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento” e deve aumentar de 43,2%, em 2018, para 173,5%, em 2060. Com o envelhecimento populacional e o prolongamento da vida sexual ativa, alguns aspectos precisam ser levados em consideração, como a saúde sexual dos idosos, componente indicativo de qualidade de vida, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)².

Sabe-se que a atividade sexual não é homogênea e estável, mas varia conforme a cultura, a época e o indivíduo. Ela também se modifica ao longo da vida de uma mesma pessoa³, sendo influenciada por fatores físicos⁴, psicológicos^{5,6}, relacionais⁷ e socioculturais/religiosos^{8,9} e, no que se refere aos idosos, tem suas peculiaridades^{7,9-11}.

Em 2016, Maschio et al.¹² realizaram um estudo em Curitiba (Paraná) com 98 idosos frequentadores de instituição de lazer e verificaram que mais da metade dos participantes (51%) referiam vida sexual ativa, e que desses, 42,8% negavam uso de medida de prevenção. Resultados semelhantes foram observados em um grande estudo populacional realizado no país, o Mosaico 2.0, que traçou o perfil sexual de 3 mil brasileiros com idade entre 18 e 70 anos em sete capitais. Os resultados mostraram que, entre os participantes com idade entre 61 e 70 anos, mais da metade (51,2%) referiam fazer sexo sem proteção¹¹.

Como consequência da atividade sexual sem proteção, pode-se observar a alta prevalência de casos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em idosos brasileiros. Com relação à detecção de casos de Aids notificados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), em pessoas de 60 anos ou mais, a taxa saltou de 7,5 para 9,5 casos para cada 100.000 habitantes de 2007 a 2017^{13,14}. No mesmo período, os casos de hepatite B foram de 4,4 para 7,6 casos para cada 100.000 habitantes. Ainda, nesses dez anos, o mesmo ocorreu com os casos de hepatite C, com a taxa de 7,1 casos aumentando para 27,7 casos para cada 100.000 habitantes^{14,15}. Dados ainda mais alarmantes são apresentados com relação à detecção de sífilis, pois em 2010 foram diagnosticados 2,1 casos na população com 50 anos ou mais, que se tornaram 25,8 casos para cada 100.000 habitantes, em 2017^{14,16}.

Diante desse cenário, algumas medidas vêm sendo tomadas com o intuito de diminuir o índice de IST na população idosa brasileira. O Ministério da Saúde¹⁷ lançou o caderno “Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa”, com o objetivo de oferecer informações e subsídios aos

Artigo 5Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros
com Relação às Práticas Sexuais

profissionais de saúde que atendem idosos no país. Vale ressaltar que nem sempre os profissionais de saúde se sentem seguros e confortáveis para abordar o tema sexualidade no atendimento a essa população^{18, 19}. A literatura apresenta alguns estudos^{12, 20} que vêm sendo desenvolvidos no país com intervenções de educação sexual com idosos com o objetivo de aumentar o nível de conhecimento sobre sexualidade e prevenção de IST nessa população.

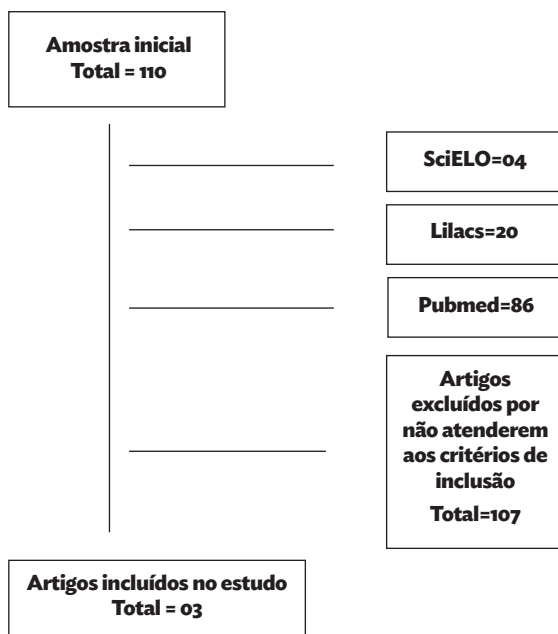
Tendo em vista a escassez de estudos sobre sexualidade envolvendo a população idosa e o envelhecimento da população brasileira, bem como o aumento drástico das IST em pessoas com 60 anos ou mais, foi realizada uma revisão integrativa da literatura visando traçar um panorama do comportamento sexual de idosos brasileiros, bem como apresentar intervenções educacionais que têm mostrado evidências no aumento de conhecimento sobre o tema junto a essa população.

DESENVOLVIMENTO

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de ordenar, sistematizar e incluir estudos com diferentes enfoques metodológicos, o que permitiu somar e combinar dados teóricos e empíricos para uma maior compreensão do tema²¹. Foram seguidas as etapas preconizadas por Whitemore et al.²¹: 1. Identificação do problema (definição do tema da revisão em forma de questão ou hipótese primária); 2. Busca na literatura; 3. Caracterização dos estudos; 4. Análise dos dados (identificando similaridades e conflitos); 5. Apresentação e discussão dos achados.

Foram consultados dados em publicações institucionais do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado da Saúde e IBGE com relação às IST em idosos no Brasil. Para as intervenções que vêm sendo realizadas com essa população, optou-se por analisar estudos ocorridos no país, sendo feitas buscas nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e PubMed. Foram buscados artigos publicados entre 2009 e 2019 com os seguintes descritores: doenças sexualmente transmissíveis **ou** *sexually transmitted diseases* **ou** *enfermedades sexualmente transmisibles*; e idosos **ou** *elderly* **ou** *anciano*.

Inicialmente, foram encontradas 110 publicações seguindo os critérios indicados. Desses estudos, três^{20, 22, 23} descrevem intervenções de educação sexual com idosos brasileiros e foram incluídos neste estudo, conforme descrito na Figura 1.



UM PANORAMA DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE IDOSOS BRASILEIROS

A literatura mostra estudos no país que acessaram o comportamento sexual do idoso brasileiro. Em 2016, foi realizado estudo populacional com mais de 3 mil participantes em sete regiões metropolitanas: São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Belém, Porto Alegre e Distrito Federal. Os resultados mostraram um contraste drástico conforme a faixa etária. Entre os 790 adolescentes (18 a 25 anos), 36,2% relataram uso da camisinha em todas as relações, enquanto no grupo de 86 idosos (61 a 70 anos) apenas 10,5% referiram uso frequente de preservativo. O mesmo estudo mostrou, ainda, que 26,8% dos adolescentes responderam não fazer uso de camisinha, contrastando com 51,2% da população idosa. Dentre os idosos entrevistados, apenas 7,3% responderam não ter atividade sexual, inferindo a alta prevalência de vida sexual ativa nos idosos brasileiros atualmente¹¹.

Em 2010, em Curitiba, Paraná, Maschio et al.¹² acessaram a saúde sexual de 98 idosos (≥ 60 anos) que frequentavam instituição com programas para melhoria da qualidade de vida dessa população. Os resultados mostraram que 51% dos participantes

Artigo 5Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros
com Relação às Práticas Sexuais

referiam ter tido pelo menos uma relação sexual nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa. A grande maioria (87,7%) dos participantes referiu considerar necessário o uso de alguma medida de prevenção durante a atividade sexual, mas 10,2% deles não sabiam indicar nenhuma, enquanto apenas 42,8% afirmavam utilizá-la.

Da mesma forma, estudo conduzido no Rio Grande do Sul, entre 2007 e 2013, com 471 idosos (≥ 60 anos) avaliou conhecimento e atitudes de prevenção ao HIV. Participaram 30 grupos de convivência das regiões do Vale do Rio dos Sinos, do Paranhana Encosta da Serra e das Hortênsias. Os resultados mostraram que 84% dos entrevistados não utilizavam preservativos durante a atividade sexual²³.

Na região Sudeste, em Botucatu, São Paulo, Andrade et al.²⁴ realizaram estudo com 382 idosos (≥ 60 anos), entre 2011 e 2012, cadastrados nas 17 Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade. Os resultados mostraram que mais da metade (55%) apresentava vida sexual ativa, enquanto apenas uma minoria (5,2%) usava preservativos em todas as relações sexuais. Os autores apontam, ainda, que as mulheres, que representavam 61,8% da amostra, mostraram 12 vezes mais chances de contrair IST, uma vez que referiam comportamento de risco ou a não utilização de preservativos.

Alencar et al.¹⁰, em 2016, acessaram a sexualidade e suas concepções na população idosa (≥ 60 anos) em Recife (Pernambuco). Forem entrevistados 224 mulheres e 11 homens na Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os resultados mostraram que 51,5% referiam pensar espontaneamente em sexo, apesar de apenas 32,3% afirmarem ter vida sexual ativa.

Finalmente, na capital mais populosa do país, São Paulo (São Paulo), Zacarelli et al.²⁵ conduziram estudo com 1.344 idosos, sendo 864 mulheres e 481 homens, a partir do banco de dados do Estudo Saúde Bem-Estar e Envelhecimento (Sabe). De acordo com os achados, a maioria dos homens (65,2%) e pouco mais de um terço das mulheres (34,8%) referiram ter atividade sexual no ano anterior à pesquisa. Os autores ressaltam a alta prevalência de idosos, principalmente homens, com vida sexual ativa, o que requer atenção, por parte de profissionais de saúde, quanto ao possível comportamento de risco para as IST nessa faixa etária.



Como consequência da atividade sexual sem proteção, pode-se observar a alta prevalência de casos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em idosos brasileiros.

DIRETRIZES E CARTILHAS PARA PREVENÇÃO DAS IST/AIDS EM IDOSOS

No Brasil, a Atenção Básica de Saúde é o contato principal dos usuários do sistema de saúde, dispondo de recursos em que equipes trabalham com ações e atividades coletivas na comunidade. Devido ao envelhecimento populacional no país e ao aumento da população idosa, o Ministério da Saúde, em 2006, com intuito de propiciar uma abordagem integral ao idoso e dar maior resolutividade às necessidades dessa população na atenção básica, criou o Caderno de Atenção Básica “Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa”. O caderno tem o objetivo de oferecer informações e subsídios aos profissionais de saúde para a prática de atendimento mais adequado a essa população¹⁷.

Dentre os diversos tópicos abordados, o livro traz um capítulo inteiro voltado às IST na terceira idade, principalmente ao HIV e à Aids. De início, faz menção sobre o aumento de números de casos de IST e HIV nessa população e, em seguida, mostra informações sobre a vulnerabilidade dos idosos. De forma clara, esclarece sobre o preconceito da sociedade em relação à sexualidade de idosos, com pensamentos de que idosos não possuem desejo e não têm atividade sexual. Também esclarece ao leitor o que é a prática de sexo sem proteção que torna o indivíduo vulnerável às IST, e não sua sexualidade, assim como salienta que essa população deveria ter espaço para discussões e informações sobre a atividade sexual sempre incluindo a prevenção e proteção necessárias¹⁷.

O tema sexualidade ainda é pouco abordado pelos profissionais de saúde durante o atendimento ao idoso, dificultando a investigação de IST. Se a sexualidade fosse abordada de forma rotineira durante as consultas, facilitaria o encaminhamento dos pacientes para a testagem de HIV, o que poderia se tornar um procedimento padrão para essa faixa etária.

Artigo 5Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros
com Relação às Práticas Sexuais

Ainda segundo o Ministério da Saúde¹⁷, para a prevenção da infecção pelo HIV, as intervenções devem focar: no estímulo e utilização correta dos preservativos (masculino e feminino) e lubrificantes; testagem, diagnóstico e tratamento das IST; inclusão da prevenção de IST focando nas especificidades desse grupo; e mobilização de organizações para a realização de trabalhos preventivos e articulação intra e intersectoriais para a garantia de ampliação e continuidade das ações. Ressalta-se a importância da confidencialidade e o atendimento humanizado para o paciente que deseje fazer a testagem de HIV, bem como aos portadores da doença.

Durante o atendimento do paciente, recomenda-se a inclusão do aconselhamento, abordando também os aspectos emocionais e os direitos humanos com troca de informações, apoio emocional e interação de confiança entre o profissional e o paciente. Além disso, é importante que o paciente possa expor suas dúvidas e que o atendimento proporcione possíveis reflexões para uma melhoria da qualidade de vida sexual¹⁷.

É recomendado que o profissional de saúde avalie os conhecimentos do usuário sobre as IST, práticas sexuais de risco e fatores de vulnerabilidade, bem como esclareça as dúvidas e investigue possíveis fatores de risco que possa apresentar, aconselhando-o a fazer o teste de HIV. Caso o resultado seja positivo, o caderno traz de forma descritiva como abordar o paciente, reassegurar o sigilo, dar apoio emocional e oferecer todas as formas disponíveis de tratamento e acompanhamento¹⁷.

Para que o assunto seja abordado de forma multidisciplinar, o livro recomenda que os agentes comunitários e os profissionais de saúde prestem informações relacionadas às IST; disponibilizem insumos de prevenção; encaminhem os usuários para unidades de saúde para realizarem testagem; ofereçam apoio e possam estar disponíveis para uma conversa que esclareça dúvidas, além de providenciarem o agendamento de consultas e incentivo às práticas sexuais seguras¹⁷.

O documento finaliza com a descrição de competências necessárias aos atendentes da rede de saúde, como: identificar riscos, sinais e sintomas de infecção de HIV; realizar confirmação do diagnóstico; encaminhar para serviço especializado; e realizar tratamento em conjunto com outros profissionais de saúde a fim de possibilitar melhor adesão ao tratamento¹⁷.

Da mesma forma, a Secretaria do Estado de Saúde de São Paulo²⁶ também abordou o tema sexualidade com o intuito de prevenir as IST na população idosa. Para isso, em 2011, criou o “Documento de Di-

retrizes para a Prevenção das DSTs”. O documento traz, de início, informações sobre o envelhecimento da população brasileira, a maior longevidade e o aumento das IST nessa população com dados epidemiológicos de Aids. Em seguida, aborda a incidência de diagnósticos tardios nessa faixa etária; a dificuldade do diagnóstico diferencial devido à semelhança do quadro com outras doenças e com o processo de envelhecimento; a evolução rápida da doença nessa faixa etária; e as comorbidades que o idoso pode apresentar que aumentam o risco de complicações e evidenciam a necessidade de tratamento precoce.

Para um atendimento integral ao idoso, é necessária uma interligação entre os setores de saúde para a formação de uma rede de suporte. Recomenda-se uma preparação adequada dos profissionais de saúde para atender a demanda da população idosa, principalmente na abordagem de assuntos sobre sexualidade e a ampliação da visão de que idoso também possui vida sexual ativa. Os serviços devem estar vinculados à rede de atenção básica de saúde, pois nela podem ser feitas discussões e abordagens sobre o tema, além de exames para HIV, sífilis e hepatite B e C²⁶.

O documento elabora, de forma acessível, as atividades que podem ser realizadas e como podem ser conduzidas. Recomenda, ainda, a oferta de preservativos e lubrificantes nas UBS; o aumento da testagem para as sorologias de IST; a realização de exame ginecológico preventivo em mulheres idosas; as considerações às necessidades da população LGBT; a realização de grupos com discussões e informações sobre sexo, sexualidade e prevenções, bem como a produção de material informativo²⁶.



O tema sexualidade ainda é pouco abordado pelos profissionais de saúde durante o atendimento ao idoso, dificultando a investigação de IST.

Artigo 5Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros
com Relação às Práticas Sexuais

As atividades devem ser levadas a espaços de convivência para que se promovam discussões sobre sexualidade e comportamentos que promovam a saúde sexual. Pode-se propor aos casais a adequação do uso de camisinhas tanto feminina quanto masculina, bem como o uso associado do lubrificante. Aos homens que apresentem dificuldades de ereção com uso de camisinha, pode-se sugerir o uso de preservativo feminino pela parceira. Para as mulheres com dificuldade de manuseio do preservativo feminino, orienta-se o uso do preservativo masculino pelo parceiro associado ao lubrificante à base de água. Finalmente, nas relações homoafetivas entre homens ou mulheres recomenda-se sempre lembrar formas de prevenção promotoras de saúde sexual²⁶.

INTERVENÇÕES COM EDUCAÇÃO SEXUAL PARA IDOSOS NO BRASIL

Entre 2007 e 2001, Lazzarotto et al.²³ conduziram estudo em regiões do Rio Grande do Sul com 471 idosos (entre 60 e 91 anos). Foram excluídos os indivíduos que já tivessem assistido a alguma palestra ou oficina abordando IST. Os participantes responderam ao questionário HIV para terceira idade, composto de: dados sociodemográficos; uso de preservativos; realização de testagem para HIV; conhecimento de portador do vírus pelo participante; e 13 questões organizadas nos domínios “conceito”, “transmissão”, “prevenção”, “vulnerabilidade” e “tratamento”, as quais apresentam como resposta as alternativas “verdadeiro”, “falso” e “não sei”. Logo após, foi feita uma intervenção educacional, com dois encontros com duração de aproximadamente uma hora cada. Ao final, os idosos responderam novamente ao questionário. O domínio no qual os participantes referiram menor conhecimento foi sobre o período assintomático da infecção de HIV, no qual 184 (39%) pessoas responderam que a pessoa com HIV sempre apresenta os sintomas da doença e 201 (43%) responderam “não sei”. Nos domínios conceito, vulnerabilidade, prevenção, transmissão e tratamento do HIV havia predominância de respostas corretas no primeiro questionário, porém ainda assim existia parcela que tinha conceitos errôneos ou desconhecimento das informações. Após as oficinas educativas, houve um aumento de acertos nas respostas na maioria dos domínios, demonstrando a eficácia da intervenção.

De janeiro a março de 2014, Bastos et al.²² conduziram oficinas semanais de educação sexual para 55 idosos dos Grupos de Convivência, no Centro de Saúde da Família, no interior cearense, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento dos participantes em re-

lação à Aids e sífilis, antes e após a intervenção. Os autores utilizaram, de forma adaptada, o questionário HIV para terceira idade, composto de 14 questões que acessavam informações socioeconômicas, gênero, idade, estado civil e aspectos tais como transmissibilidade, grupos de risco, prevenção e tratamento relacionados ao HIV/Aids e à sífilis. Quando comparados os escores médios de conhecimento dos idosos antes e após as oficinas, foi possível observar um aumento significativo de 11,7 para 17,3 ($p < 0,001$).

A literatura mostra outro estudo com uma intervenção de educação sexual com dez idosos (entre 60 e 79 anos) da comunidade católica de Santarém, Pará, que obteve resultados positivos. O estudo, realizado em 2016, teve o objetivo de comparar o conhecimento sobre IST antes e após a intervenção de educação sexual com as participantes. Foram aplicados questionários com perguntas fechadas com opções de “sim” ou “não” antes e após palestras multimídia sobre sexualidade. Das idosas entrevistadas, 30% possuíam vida sexual ativa e 100% daquelas que eram ativas não faziam uso de camisinha, pois confiavam no parceiro. Os resultados mostraram que a maioria (80%) já havia tido algum tipo de informação sexual anteriormente. Quanto ao conhecimento sobre IST, 80% *versus* 100% das participantes sabiam o seu significado e como se prevenir antes e após a intervenção educacional, respectivamente²⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, foi possível observar que a maioria dos idosos brasileiros possui vida sexual ativa e, no entanto, poucos utilizam métodos de prevenção de IST, como o uso de preservativos nas relações sexuais. Concomitantemente ao prolongamento da atividade sexual nessa população, houve um aumento expressivo no número de casos de HIV, Aids, hepatite B e C e sífilis nos brasileiros com 60 anos ou mais. Apesar de a maioria dos idosos ter conhecimento sobre as IST, nos grupos estudados ainda havia pessoas que desconheciam informações a respeito de métodos e formas de prevenção. Com as intervenções, através de grupos educacionais e informativos, houve melhora no domínio do assunto, bem como maior compreensão sobre a necessidade do uso de preservativos.

Os dados dos índices de casos das IST aqui apresentados são o ponto forte do estudo, uma vez que acessamos dados oficiais divulgados pelo Ministério da Saúde do país. Além disso, os estudos com intervenções educacionais na população idosa brasileira apresentaram

Artigo 5Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros
com Relação às Práticas Sexuais

resultados eficazes, ou seja, as intervenções aplicadas mostraram-se positivas para a melhora do conhecimento das IST. Apesar de o Ministério da Saúde disponibilizar cartilhas e diretrizes para prevenção de IST nos idosos, atualmente ainda existe uma escassez de abordagem no sistema de saúde no país.

Conclui-se que há necessidade de continuar os estudos de intervenção que culminem com a diminuição de incidência de IST nessa faixa etária e, para isso, novas pesquisas são essenciais para investigar intervenções que possam contribuir para um comportamento sexual mais seguro por parte dos idosos no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo 2020. *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade#:~:text=Para%20que%20os%20idosos%20de,habita%C3%A7%C3%A3o%20e%20meios%20de%20transportes>. Acesso em: 5 out. 2021.
2. Organização Mundial de Saúde. *Sexual health*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_1. Acesso em: 5 out. 2021.
3. Abdo CH, organizadora. *Sexualidade humana e seus transtornos*. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2000.
4. Okuno MFP, Fram DS, Batista REA et al. Knowledge and attitudes about sexuality in the elderly with HIV/AIDS. *Acta Paul Enferm.*, 2012; 25:115-21.
5. Silva FGd, Pelzer MT, Neutzling BRdS. Attitudes of elderly women regarding the expression of their sexuality. *Aquichan.*, 2019; 19(3):e1934.
6. Uchôa YdS, da Costa DCA, da Silva Junior IAP et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2016; 19(6):939-49.
7. Cambão M, Sousa L, Santos M et al. QualiSex: estudo da associação entre a qualidade de vida e a sexualidade nos idosos numa população do Porto. *Rev. Port. Med. Geral Fam.*, 2019; 35:12-20.
8. Cabral NEdS, Pereira GCdS, Souza USd et al. Compreensão de sexualidade por homens idosos de área rural. *Rev. baiana enferm.*, 2019; 33:e28165.
9. Alencar DLd, Marques APdO, Leal MCC et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Cien. Saúde Colet.*, 2014; 19(8):3.533-42.
10. Alencar DLd, Marques APdO, Leal MCC et al. The exercise of sexuality among the elderly and associated factors. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2016; 19:861-9.
11. Ferreira I. Perfil sexual dos brasileiros revela diferenças entre homens e mulheres. *Jornal USP 2016*, 24 jun. 2016. Disponível em: <https://jornal>.

- usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/perfil-sexual-dos-brasileiros-revela-diferencas-entre-homens-e-mulheres/. Acesso em: 5 out. 2021.
12. Maschio MBM, Balbino AP, Souza PFRd et al. Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 2011; 32:583-9.
 13. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico HIV e Aids*. Brasília, v. 49, n. 53. jul. 2017- jun. 2018.
 14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. *Características gerais dos domicílios e dos moradores*. Brasília: IBGE; 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=20915&t=resultados>. Acesso em: 5 out. 2021.
 15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim epidemiológico hepatites virais*. Brasília, v. 50, n. 17, 2019.
 16. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim epidemiológico sífilis*. Brasília, v. 49, n. 45, out. 2018.
 17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: MS. Caderno de Atenção Básica, n. 19, 2006.
 18. Cunha LM, Mota WS, Gomes SC et al. Vovó e vovô também amam: sexualidade na terceira idade. *REME rev. min. enferm.*, 2015; 19(4):901-6.
 19. Bauer M, Haesler E, Fetherstonhaugh D. Let's talk about sex: older people's views on the recognition of sexuality and sexual health in the health-care setting. *Health Expect.*, 2016; 19(6):1.237-50.
 20. Jesus DSd, Fernandes FdP, Coelho ACL et al. Nível de conhecimento sobre DSTs e a influência da sexualidade na vida integral da mulher idosa. *Em foco - Fundação Esperança/Iespes*. 2016; 1(25):33-45.
 21. Whittemore R, Knaf K. The integrative review: updated methodology. *J. Adv. Nurs*. 2005; 52(5):546-53.
 22. Bastos LM, Tolentino JMS, Frota MAO et al. Evaluation of the level of knowledge about Aids and syphilis among the elderly from a city in the interior of the state of Ceara, Brazil. *Cien. Saúde Colet.*, 2018; 23(8):2.495-502.
 23. Lazzarotto AR, Santos VSd, Reichert MT et al. Oficinas educativas sobre HIV/Aids: uma proposta de intervenção para idosos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2013; 16:833-43.
 24. Andrade J, Ayres JA, Alencar RA et al. Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta paul. enferm.* 2017; 30:8-15.
 25. Zacarelli L, Duim E, Ciosak S. Panorama da atividade sexual em idosos brasileiros. *Anais La Habana: Ensap*, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/00291290126>. Acesso em: 5 out. 2021.
 26. Brasil. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids. Coordenadoria de Controle de Doenças. *Documento de diretrizes para prevenção das DST/aids em idosos*. Bepa 2011; 8(92):15-23. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br/resources/ipgg/publicacoes/guias-e-manuais/ipgg-manualdeoficinasdst.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.